

ENTRE CABARÉS E GAFIEIRAS: Um estudo das Representações boemias na periferia de Belém do Pará, 1960-1980

JOSÉ E. S. DIAS JUNIOR *

Resumo

O artigo em questão tem como título *Entre Cabarés e Gafieiras: Um estudo das representações boêmias na periferia de Belém do Pará – 1960-1980*. Nele abordo o cotidiano da vida boêmia de Belém, analisando as representações simbólicas postas nos discursos produzidos pela imprensa paraense, pelos órgãos oficiais, pelo cinema e pelos frequentadores desses espaços (músicos, boêmios, artistas, festeiros, garçons, meretrizes), através de suas memórias. Busco entender a importância dessas casas no cenário social de Belém do Pará entre os anos supracitados, considerando as transformações geográficas e econômicas por que passava a cidade (e o próprio Estado). Assim, objetivo interpretar a história de homens e mulheres que faziam desses espaços, seu *locus* por excelência de entretenimento e lazer. O lugar sagrado das madrugadas e das diversões de final de semana, o universo boêmio marcado por relações sociais de prazer, alegria e entretenimento, que, não raras vezes, descambava para as brigas, “arruaças e desordens”. Um ambiente cultural envolto em bebidas, boleros, merengues, boêmios, meretrizes e festeiros, que contribuíram para lograr o espectro da periculosidade e aventura, mas que, ao mesmo tempo, construíram imagens nostálgicas e românticas desses lugares. Representações simbólicas caras, absorvidas por parte da população de Belém, ora de forma positivada, ora com grande carga de preconceito e discriminação.

Palavras chaves: Cidade – Boemia – Representação

Abstract

The article in question is titled “Entre cabarés e Gafieiras : A study of bohemian representations in the suburb of Belém do Pará”. In it i discuss the quotidian of the bohemian life in Belém, analyzing the symbolic representations made in speeches produced by the Pará press, by the oficial bodies, by cinema and the goers of those spaces (musicians, bohemians, artists, revelers, bartenders, whores), through it’s memories. I try to understand the importance of these houses in the social scene of of Belém do Pará between the years above, considering the geographical and economical changes that the city spent (and the state itself).

Thus, my goal is interpret the story of man and woman who made these spaces, their locus by excellence for entertainment and pleasure. The sacred place of nights and weekend entertainment, the bohemian universe marked by social relations of pleasure and joy,that often, gliding to the fights, “riot’s and disorder”. A cultural environment wrapped in beverages, boleros, meringues, bohemians, whores and revelers, that contribute to achieving the specter of danger and adventure, but at the same time, built nostalgic and romantic images of these places. Symbolic representations of faces, absorbed by the population of Belém, sometimes positively, sometimes with a great load of prejudice and discrimination.

Key-Words: City, Bohemia, Representation.

* Mestre em História Social da Amazônia pela Universidade Federal do Pará e doutorando em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP.

I. Desenvolvimento urbano da cidade de Belém

A eclosão da economia da borracha na Amazônia - na virada do século XIX para o XX - contribuiu para o crescimento demográfico na região, abrindo caminho para um processo de ocupação mais efetivo da cidade de Belém. Os contingentes consideráveis de migrantes provenientes do interior do estado e da região nordeste do Brasil, em sua grande maioria cearenses que se transferiram para Belém a fim de suprir a carência de mão-de-obra surgida com o fim da escravidão, como também para fugir das sucessivas secas ocorridas no nordeste, foram decisivos para o processo de recrudescimento urbano (LACERDA, 2006:29-86). Para se ter uma ideia em 1848, Belém possuía 16.092 habitantes incluindo a população escrava, já em 1872 deu um salto para 61.997, no final do século XIX atingiu cerca de 150 mil habitantes e 232.402, em 1920 (PETIT, 2003:53).

Esses migrantes se fixaram nos bairros próximos ao centro econômico e cultural, colaborando para disseminação de crenças, hábitos e gostos diversos, que nem sempre eram simpáticos aos padrões de civilidade e modernidade proposto pelas elites locais. Era comum nesses lugares a recorrência de práticas de feitiçaria, pajelança, catolicismo popular, cultos da religiosidade afro-brasileira, capoeira, boi bumbá, festas de arraiais, cabarés e outras expressões populares, que foram lentamente entronizadas no cotidiano suburbano, fazendo da cidade um inexorável campo de lutas culturais (FIGUEIREDO, 2008:15-38).

A vida cultural de Belém neste período obedeceu aos moldes de modernidade em voga, pelo menos para uma parte da população. Os barões da borracha faziam questão de consumir produtos culturais que os identificassem com o padrão europeu de civilidade. Teatros, praças, hotéis e cafés aproximavam essa elite do modelo *Belle Époque* ao gosto francês, transformando a cidade de Belém num protótipo estilístico de uma *Paris n'Amérique*. Esta importação cultural era percebida inclusive nos detalhes estéticos e arquitetônicos dos palacetes e prédios espalhados pelo centro da cidade em sua maioria no estilo *art nouveau* (SARGES, 2000:45-51).

A vida noturna de Belém no início do século XX também foi bastante movimentada, a constante presença de visitantes estrangeiros e homens de negócio favoreceram o

surgimento de vários *rendez-vous*¹, casas de encontros íntimos espalhados pela cidade que tinham dentre suas principais atrações as meretrizes francesas, trazidas para a Amazônia para alegrar os regozijos amorosos dos ditos negociantes. Os cabarés, bares, cafés e botequins começavam a se espalhar pela cidade atraindo os mais diversos tipos de frequentadores das mais diferentes classes sociais.

Nos anos dez do século XX, a cidade de Belém começou a sentir a desaceleração econômica na atividade gomífera devido, principalmente, a concorrência do látex produzido na Malásia, fato este que provocou um arrefecimento não apenas econômico, mas também cultural e demográfico. Com o fim do “ciclo da borracha” a Amazônia atravessou uma fase de declínio econômico e social que foi seguido de “uma fase de crescimento moderado”. Após ter sofrido um ligeiro surto de estagnação demográfica entre os anos 1920 e 1940, Belém retomou nos anos 1950 e 1960 o crescimento populacional², sofrendo um aumento significativo, estimulado em grande medida, pelos projetos políticos para o desenvolvimento econômico da região, que resultaram no processo de construção da Rodovia Belém-Brasília na década de 1950 e, posteriormente, nos Grandes Projetos para a Amazônia nos anos sessenta.

É nesse contexto que se verifica um maior ajustamento da região ao capital internacional, através das políticas de integração e desenvolvimento da região (PETIT, 2003:59-64). Os novos fluxos de migrantes vindos para Belém são consequência desse processo de desenvolvimento da região, eles se estabeleceram, em sua maioria, nos bairros de subúrbio, utilizando esses espaços para fins residenciais, de lazer e também de trabalho.

Indubitavelmente, os Grandes Projetos Federais na região amazônica proporcionaram um impacto significativo do ponto de vista social e econômico, pois o crescimento desordenado da cidade de Belém acarretou uma série de problemas estruturais, principalmente nas periferias, que abrigavam os novos moradores da cidade provenientes, já neste momento, principalmente do interior do estado³ (PETIT: 20-21).

¹ A palavra francesa *rendez-vous* apesar de significar “encontro”, guardou outro significado na cidade de Belém no início do século XX, pois era o termo utilizado pelos boêmios para identificar as casas de prostituição, visto as meretrizes francesas ao saírem para um “programa” pronunciarem: *Je vais à rendez-vous!*

² Em 1960, a população de Belém já atingia a cifra de 359.988 e em 1970 de 655.901. IBGE Belém.

³ É importante ressaltar que os contingentes de migrantes vindos para Belém eram oriundos da região do Marajó, Tocantins, Nordeste e Sudeste do estado. Na região sul do Pará, principalmente nas áreas de

Eram homens e mulheres atraídos para este centro urbano em busca de melhores condições de vida, uma vez que foram paulatinamente expulsos de seus lugares de origem devido a forte pressão econômica na região. O êxodo rural pode ser considerado um dos fatores estimuladores do sem número de problemas sociais que a cidade passa a viver a partir dos anos cinquenta, uma conseqüência direta do desenvolvimentismo capitalista sobre a região. A proliferação da miséria, pobreza, prostituição e outros tipos de violência social começaram a dar a tônica do progresso na Amazônia.

As características estruturais dos bairros nascentes proporcionaram diferenças na forma de ocupação, na paisagem e na disposição cultural de seus espaços, pois na medida em que a cidade ia crescendo, houve a necessidade de se criar novos atrativos de lazer e entretenimento para a densa população que foi ocupar esses lugares.

Como a maioria dos bairros periféricos de Belém não dispunha, em meados do século XX, de uma infra-estrutura eficiente, como serviços de saneamento, segurança, transporte, educação e principalmente de lazer, foi comum nesses lugares o surgimento de espaços de diversão variados. Era fácil se encontrar nas periferias campos de futebol, sedes de clubes e associações de rua, currais de boi bumbá, terreiros de religiosidade afro-brasileira e as casas de festas noturnas: gafieiras, boates, cabarés e bordéis que serviram como lugar de diversão de diversos segmentos sociais da cidade. Não raro, encontravam-se nesses cabarés intelectuais, artistas e viajantes de passagem pela cidade, que iam a esses lugares em busca de aventura, diversão ou por pura manifestação de “curiosidade bisbilhoteira” (COSTA, 2008:43).

Um exemplo que pode ser dado a respeito dessa movimentação boêmia suburbana em Belém dos anos cinquenta e sessenta é o bairro da Condor, bairro situado as margens do rio Guamá, na zona sul da cidade, nele constituiu-se um “circuito” de boemia que desde fins dos anos quarenta começou a tomar fôlego, abrigando desde os bares e clubes mais “chiques” da cidade, até os pequenos estabelecimentos destinados a prostituição e as diversões noturnas. Nesse cenário onde se misturavam as imagens bucólicas da floresta e do rio com as barracas e palafitas da periferia, é que se constituiu a zona boemia de Belém, tendo o bairro supracitado como seu grande expoente nas décadas de sessenta e setenta. Vejamos como se desenvolveu essa dinâmica boêmia na cidade em meados do

maior dinamização econômica como Marabá e os municípios as margens da Transamazônica, o fluxo de migrantes nordestinos, do centro oeste, sudeste e sul, prevaleceu.

século XX e quais foram as representações criadas sobre os cabarés, gafieiras e zonas do meretrício presentes nas periferias.

II. Vida noturna: boemia e disciplinarização

As festas em gafieiras e cabarés na cidade de Belém têm suas gêneses em período bem remoto, provavelmente, nos fluxos migratórios e no crescimento demográfico da cidade do final dos novecentos, pois já eram mencionadas em noticiários de jornais e ocorrências policiais. As edições de periódicos que circulavam na cidade traziam com bastante frequência em suas “notas” ou nas “notícias policiais”, referências aos bêbados e boêmios que faziam desordens e arruaças pelas ruas da cidade, num constante apelo discursivo pela ordem e pela disciplinarização social.

Acusações dessa natureza foram muito comuns nos diversos periódicos que circulavam nas grandes cidades brasileiras nas primeiras décadas do século XX, o que demonstra o apelo editorial e, ao mesmo tempo, os anseios de um determinado público leitor, por certa ordem e disciplinarização. Os jornais serviam como veículos de denúncias dos abusos e transgressões as regras de civilidade propostas pelos setores privilegiados da sociedade. Podemos ilustrar com o exemplo da nota “Reclamações do Povo” que passa para o leitor a denúncia:

“Os moradores da Avenida José Bonifácio, bairro do Guamá, escreveram-nos, solicitando providências da parte da polícia, para o abuso de uma meretriz de nome Antonieta, que costuma provocar seus vizinhos e promover desordens naquele bairro” (O IMPARCIAL, 1933: p. 5).

As fontes impressas guardam um discurso posicionado, os atores sociais que nela se manifestam, apresentam, quase sempre, aspirações a um projeto de civilidade que não contempla o todo da sociedade.

Até a década de 1970, o uso de jornais em trabalhos historiográficos era rarefeito: buscavam-se informações em documentos “oficiais”, ficando a imprensa excluída da rede de fontes usadas por historiadores. Tânia de Luca referenda que a difusão de jornais e revistas em todo o território nacional facilitou o registro dos itinerários da imprensa e das edições *fac-símiles*, contribuindo para aproximar a história de um leque de informações acerca das diversas realidades brasileiras (LUCA, 2006:111-153).

Em meados do século XX, as referências a bêbados, casas de pensão e aos cabarés como lugares de balburdias e desordens persistiam nos jornais. Notícias desta ordem são

os destaques das páginas policiais, estando muitas vezes expressas as opiniões de seus articulistas sobre os “cabarés e gafieiras suburbanos”. Algumas vezes as ocorrências policiais eram colocadas *ipsis litteris* nas páginas policiais, numa suposta tentativa de assentar seu discurso com a verdade e a imparcialidade.

Os bares e boates que se concentravam no bairro da Condor, representaram durante a segunda metade do século XX, o epicentro da boemia belenense. Apesar de ficar situado em uma região periférica, próxima ao centro da cidade, às margens do Rio Guamá, esse bairro teve, desde os anos quarenta, um movimento intenso de pessoas, visto a presença de portos, empresas, canteiros de obras e, sem dúvida, as casas de shows como o “Bar da Condor”, bar que atraía setores da classe média e da elite paraense que iam até esse espaço apreciar os shows das orquestras, grupos de jazz e as apresentações de teatro de revista apresentados pela PRC5, a Rádio Clube do Pará⁴. A partir dos anos cinquenta, o entorno da Praça Princesa Izabel passou a comportar várias baiúcas⁵, casas de pensão, casas de cômodos, bares, gafieiras e cabarés, que logo de início representaram uma presença desagradável para as famílias que frequentavam aquele espaço.

A partir da década de 1960, vários foram os estabelecimentos de festa que se fixaram no local. Ficaram famosos os já citados “Bar da Condor”, o Aldeia, o “Bar São Jorge”, o “Cabaré da Tia Maria”, “Royal”, “O Lapinha”, “Bartira”, dentre outros bares e gafieiras dispersos nas ruas e passagens do bairro⁶. Os bairros vizinhos também concentravam

⁴ O Bar da Condor localizava-se as margens do Rio Guamá, ao lado da Praça Princesa Izabel. Ele ficou famoso por ser ponto de encontro entre boêmios da cidade. Nas décadas de 1950 e 1960, recebeu espetáculos de grupos de dançarinas provenientes dos países caribenhos, visita de políticos, como os Ex Governadores do Estado Magalhães Barata, Aurélio do Carmo e Zacarias de Assumpção e artistas famosos como Chico Buarque, Gilberto Gil e outros. Na década de 1970 teve seu espaço usado como locação de cenas dos filmes “Bye, Bye, Brasil” de Cacá Diegues e de um vídeo clipe da cantora Fafá de Belém. Posteriormente teve seu nome mudado para “Palácio dos Bares” como ainda é chamado na atualidade.

⁵ Pequeno estabelecimento comercial, feito em madeira e com apenas um cômodo, as baiúcas eram destinadas a venda de comidas e bebidas alcoólicas.

⁶ O Cabaré Aldeia localizava-se na Praça Princesa Izabel, bem próximo ao bar da Condor, o Aldeia foi, em 1974, cenário para o filme “Iracema Uma Transa Amazônica” dirigido por Jorge Bodanzky e Orlando Sena; O Bar São Jorge localizava-se na Avenida Bernardo Sayão em frente à Praça Princesa Izabel, bem próximo ao bar da Condor, o bar São Jorge funcionava em um velho casarão de madeira suspenso sobre o canal que margeia a avenida. Ele ficou famoso no imaginário social belenense por ser o bar de gafieira mais *underground* do circuito da Condor. Nele funcionavam também alguns “quartos de pensão” ocupados por “moças solteiras” que prestavam serviços amorosos aos clientes da casa. Seus principais frequentadores eram carregadores e estivadores dos portos próximos, tripulantes das embarcações e demais populares. Também serviu de locação para o filme “Iracema Uma Transa Amazônica”; o Cabaré da Tia Maria, se tratava de uma casa que funcionava como boate e ponto de

um número significativo de casas de festa frequentados diariamente. No Guamá, por exemplo, destacaram-se as sedes da boate “Onze Bandeirinhas”, “Estrela do Norte”, “Ambulante”, “Cabaré dos Bandidos”, “Carroceiros”, “Pingo de Ouro”, “Milionário”, “Grajaú”, “Corinthians” e “Pouca Telha” (DIAS JR, 2009:62-86). No bairro do Jurunas destacaram-se o “São Domingos”, “Imperial”, “Florentina”, “a sede dos Peixeiros”, “Ilariê” e “Pompilho” (RODRIGUES, 2008:121-131). Na Cremação o destaque se dava para “O Benzinho” e o “Norte Brasileiro”. Na zona norte da cidade as referências boêmias estavam principalmente no bairro da Pedreira, seguido por Sacramento e Telégrafo, bairros que concentraram sedes de clubes, cabarés e algumas gafieiras que realizavam bailes e festas populares. No centro da cidade os lugares de boemia eram identificados pelas zonas de meretrício das ruas 1º de março e Riachuelo, na Praça dos Estivadores e no Bar do Parque localizado na Praça da República.

Nesses lugares a expressividade da cultura popular se fazia ouvir por meio de “paisagens sonoras” (MATOS, 2007:109-114) que ecoavam através dos equipamentos de som e “aparelhagens”, que tocavam as músicas cafonas, os boleros, tangos, cumbias, merengues, carimbós, xotes, lambadas, valsas e baiões, levando para os rincões da cidade os sons boêmios ouvidos nas periferias do norte do país, ritmos caribenhos e do sudeste trazidos pelo rádio, através das “ondas tropicais”, ou por meio dos viajantes e embarcações que vinham de Oiapoque, do Amazonas ou de outros lugares e que entravam em Belém trazendo as novidades caribenhas para serem dançadas por raparigas, meretrizes, estivadores, taxistas, gigolores, meliantes e demais boêmios que se congregavam numa sociabilidade festiva frequente (MAGNANI, 2003:23-28). É importante ressaltar que essa sonoridade foi incorporada ao cotidiano da cidade. As décadas mais recentes sofreram de forma direta a influência da sonoridade musical que tocava nos cabarés dos anos sessenta e setenta em Belém, colaborando para o aparecimento das festas de brega em aparelhagem, movimento que se intensificou a partir da década de oitenta.

prostituição. Localizava-se na rua 9 de Janeiro atrás da igreja de São Judas Tadeu, bem próximo ao local dos bares supracitados.; O Royal era uma gafieira localizada na Avenida Alcindo Cacela funcionava principalmente como casa de dança de merengue, brega e bolero; o Lapinha localizava-se na Avenida Padre Eutíquio. Era considerado por segmentos da sociedade belenense como a gafieira mais chique da cidade. Nele aconteciam shows diversos, *performances*, *striptease* e apresentações com artistas nacionais. Em alguns dias da semana funcionava também como espaço de jogatinas; o bar Bartira era uma casa de dança de brega e merengue situada na Avenida Bernardo Sayão.

As gafeiras e cabarés de Belém foram palco de cenas cotidianas das mais variadas. Nelas, histórias de alegrias boêmias se misturavam aos dramas pessoais, familiares e algumas vezes coletivos. Em dezembro de 1970, por exemplo, foi realizada uma operação integrada que envolvia a Polícia Militar, a Secretaria de Saúde Pública e a Divisão de Menores, denominada de “Operação Condor”. Esta operação previu o fechamento das casas de cômodos, a fiscalização em bares, boates e cabarés e a consequente proibição de menores nesses lugares. O objetivo geral da operação, segundo o então delegado Luiz Augusto Paes, da Divisão de Costumes era acabar com as “inúmeras desordens e crimes” que vinham se registrando naqueles lugares, daí a necessidade de uma operação ostensiva de disciplinarização para aquela área da cidade (A PROVÍNCIA DO PARÁ, 1970:8).

O uso da ordem e do poder se fazia sentir através do estado, que agia com ações postas à revelia dos anseios e desejos de homens e mulheres que frequentavam esses lugares. O ambiente dos cabarés e gafeiras de Belém nos anos sessenta e setenta foi comumente identificado com os segmentos das classes trabalhadoras e populares, que faziam uso diário desses lugares para suas diversões boêmias. A imagem negativa passada pela imprensa corroborava para a construção de um discurso de falta de alteridade que qualificava esses “antros” como espaços perigosos e violentos e, por isso, merecedores de um maior ordenamento e vigilância por parte dos poderes públicos (RAGO, 1985:163-209).

As lamúrias e dramas pessoais de meretrizes que frequentavam esses cabarés foram retratados de forma crítica no filme “Iracema: Uma Transamazônica”, filme com direção de Jorge Bodanzky e Orlando Sena, rodado na cidade de Belém e nas margens da recém construída rodovia Transamazônica, em 1974, em pleno regime militar. O filme que tinha como mote denunciar a prostituição, o tráfico de madeira, as queimadas, o trabalho compulsório, a grilagem e demais conflitos sociais existentes na região - consequências diretas dos Grandes Projetos para a Amazônia - conta a história de uma garota amazônida, “Iracema” (interpretada por Edna Cássio⁷), ribeirinha pobre, que morava nas proximidades de Belém e vai a cidade para participar do Círio de Nazaré, lá

⁷ O próprio processo de produção do filme já demonstra as fraturas sociais existentes em Belém no momento em que o discurso do “Projeto Brasil” estava em voga como sinônimo de desenvolvimento e progresso para a região, pois a atriz principal do filme - Edna Cássio - uma menina carente da periferia, provavelmente menor de idade na época, fora cooptada em um auditório de programa de rádio, para fazer a protagonista do filme.

chegando se depara com o universo da prostituição, e começa a fazer “programas” para sobreviver. Em um desses “programas”, em um cabaré da cidade, encontra “Tião Brasil Grande” (vivido por Paulo Cezar Pereio), um caminhoneiro gaúcho que em suas viagens pelo Brasil a fora propala o discurso do progresso para o país e a importância das estradas para o desenvolvimento econômico nacional. Na companhia de Tião, Iracema vai para a rodovia Transamazônica onde continua a ter sua sorte na prostituição.

A inspiração para o filme veio, segundo Bodanzky, da realidade que o mesmo encontrou ao visitar a região no final dos anos sessenta. Ao fotografar para uma revista de esquerda chamada “Realidade”, Bodanzky se deparou com as mazelas supracitadas e resolveu fazer a denúncia através do filme documentário. Financiado por uma TV alemã, o filme foi rodado em apenas 20 dias, para driblar a rigorosa vigilância que o exército e a aeronáutica faziam na região, uma vez que a Amazônia era considerada como Área de Segurança Nacional. O filme ataca de forma contundente o sentido do progresso para a Amazônia e, certamente, por esse motivo ficou afastado das telas de cinema até 1981, quando foi exibido em um circuito de filmes alternativos no Rio de Janeiro.

Apesar da discriminação que os cabarés sofreram por setores privilegiados da sociedade paraense, afinados, pelo menos em tese, com um padrão de conduta disciplinado e ordeiro, eles serviram também como espaço de consumo do lazer noturno de categorias distintas de boêmios das classes média e alta da cidade, que iam a esses lugares em busca de diversão fácil e barata.

A intensa circulação de boêmios das mais variadas estirpes sociais pelo bairro da Condor em Belém, permite inferirmos que esses lugares constituíam-se em ambientes de constante troca de experiências culturais, uma vez que a convivência entre pessoas com realidades de mundo bastante distintas podia proporcionar certa circularidade cultural entre os partícipes das festas (GINZBURG, 2006:11-30). Cabe destacar que a moeda de negociação mais democrática nesses espaços boêmios era a sexualidade, talvez o ponto de convergência entre os diferentes homens que para lá se deslocavam.

A partir da década de oitenta as gafieiras e cabarés foram, paulatinamente, substituídas por casas de shows, de bregas e barracões que passaram a executar as “festas de aparelhagem” e “bailes da saudade”. Hoje aquelas existem de forma rarefeita e muito

tímida nas periferias da cidade. As que sobreviveram à modernização das festas adaptaram-se aos novos padrões culturais, comportamentais e estéticos da cultura brega ou tecnobrega existente em Belém (COSTA, 2007:21-105).

III. Referencial teórico

O suporte teórico aqui apresentado sustenta-se, basicamente, nas discussões travadas pela História Cultural, na qual estão inseridas questões sobre cidade, cultura popular, festa, lazer, experiência popular, identidades, sociabilidades, representações simbólicas, hibridismos culturais entre outros objetos que vieram à tona com a diversificação de temas e enfoques da historiografia nas últimas décadas. Sua afirmação como variante conceitual da historiografia contemporânea se deve as mudanças de contexto histórico e ao próprio rearranjo disciplinar e acadêmico da segunda metade do século XX. Esses fatores de mudança trouxeram consigo uma sucessão de questões epistemológicas tratadas pela “Nova História Cultural” (CABRERA, 2001:9-46). Questões que envolviam o rigor da produção historiográfica e o conseqüente afinamento dos historiadores culturais com outras Ciências Sociais, fato que gerou, ao mesmo tempo, incertezas e crises paradigmáticas vivenciadas principalmente pelos historiadores ligados a História Social, mas que trouxeram novos rumos e novas possibilidades no diálogo entre diferentes disciplinas e a História (HUNT, 2001:1-29).

A História Cultural e a História da Sociedade, que antes eram “complementares” passaram a se distanciar em áreas “polêmicas” e algumas vezes “contraditórias” (CARDOSO. 2005:255-282). A abrangência de abordagens na História Cultural passou a ser vivida sob diversos aspectos, desde os estudos da arte, do comportamento, do gênero, até as propaladas “histórias do povo” ou “história vinda de baixo” (BURKE. 2005:68-98). As temáticas gerais e totalizantes da História Social foram refutadas pela nova tendência historiográfica que concentrou seus interesses no estudo dos grupos marginalizados pela “história dos grandes homens”.

É importante referendar, por exemplo, as contribuições dadas pela denominada “Escola Social Inglesa”, que na segunda metade do século XX, apresentou contribuições significativas para as pesquisas acerca das experiências da classe operária inglesa, da massa camponesa e da cultura popular. Cabe destacar, por exemplo, neste cenário que se desenhou, os trabalhos de Thompson que, sem dúvida, deram uma contribuição

significativa nas análises culturalistas. “*A formação da Classe Operária inglesa*”, traz uma nova interpretação do materialismo dialético, pensado a partir das categorias da “consciência social” e da compreensão de “classe” como um “fenômeno histórico” manifesto “efetivamente”, através das relações humanas. Do ponto de vista metodológico, a obra de Thompson adquiriu destaque por fazer a relação entre a “teoria” e as “evidências”. Isso ficou demonstrado ao se confirmar os avanços que os estudos das tradições populares das massas operárias tiveram ao serem apresentados como fenômenos de análise das identidades socialmente constituídas em diferentes condições.

Contribuição igual se credita à influência dos debates teóricos e metodológicos no interior dos “Estudos Culturais”. Este foi de extrema valia para o amadurecimento da História Cultural no cenário acadêmico do final de século XX. Os “Estudos Culturais” hoje se faz presente em várias disciplinas como Antropologia, História, Sociologia, Geografia e Ciência Política, possibilitando uma pluralidade de abordagens e enfoques em diversas categorias de pesquisa (SILVA, 1995:7-35).

Algumas rupturas contribuíram para a afirmação dos “Estudos Culturais” como disciplina acadêmica a partir dos anos sessenta. Um ponto chave desta inovação interpretativa da sociedade estava em analisar as questões de ordem social e econômica desconectadas das motivações de análise estruturalista. Referendavam-se com essa abertura de metodologias e enfoques, outros aspectos da dimensão humana como formas explicativas para uma gama de assuntos investigados nas Ciências Sociais, destacando-se o estudo das culturas subalternas, das diásporas, das artes ou mesmo da indústria cultural. Desta maneira, as questões relacionadas à “cultura”, a “consciência” e as “experiências” viraram destaque nesta guinada epistemológica representada pelos Estudos Culturais.

É dentro deste contexto de reformulação epistemológica que a História Cultural se afirma no meio acadêmico a partir da década de sessenta, trazendo novas perspectivas de pesquisa, estabelecendo novas proposições metodológicas e apontando novos parâmetros conceituais para os outros campos de produção historiográfica, inclusive para a História Social. É o que referenda Peter Burke quando profere que “o historiador cultural abarca artes do passado que outros historiadores não conseguem alcançar”

dando ênfase a “culturas” diversas abordadas em diferentes especialidades (BURKE, 2005:8).

Ao considerar a miríade de possibilidades temáticas suscitadas pela História Cultural, posto que esta nos mostra quão diversas são as culturas e a importância de olharmos a cada uma delas ponderando suas especificidades, optamos por enveredar pelos estudos das representações simbólicas em Belém, concentrando nossa análise nas festas populares identificadas com o circuito boêmio e periférico da cidade. Campo de investigação extraordinário, no qual os embates entre o comportamento popular e o comportamento de setores privilegiados da sociedade estão singrados pela ação dos agentes históricos pesquisados. As gafieiras e cabarés de Belém concatenam os dois campos de ação cultural por meio das sociabilidades festivas, dos hibridismos culturais ou mesmo pela circularidade cultural travadas entre os diferentes grupos sociais que frequentavam as ditas festas.

IV. Bibliografia

BRANDÃO, Helena Nagamine. *Introdução à análise do discurso* – Campinas – SP: Editora da UNICAMP, 1997.

BURKE, Peter. *O que é História Cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

CABRERA, Miguel Angel. *Historia, lenguaje y teoria de la sociedad: experiências e horizontes*. Madrid: Cátedra, 2001.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2006.

CARDOSO, Ciro Flamarion. “Sociedade e Cultura Conceitos Complementares ou Rivais?” In: *Um historiador fala de teoria e metodologia: ensaios*. Bauru, SP: Edusc, 2005.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho Lar e Botequim*. O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da *belle époque*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001.

CORBIN, Alain. *História dos Tempos livres: O advento do lazer*. Lisboa: Teorema, 2001.

COSTA, Antônio Mauricio Dias. *Festa na Cidade: o Circuito bregueiro de Belém do Pará*. Belém. Arteimpressa, 2007.

_____. *Lazer e Sociabilidade: Usos e sentidos*. Belém: Editora Açáí, 2009.

COSTA, Tony Leão da. *Música do Norte: Intelectuais, Artistas Populares, Tradição e Modernidade na Formação da “MPB” No Pará (Anos 1960 e 1970)*. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará. Belém, 2008.

CORREA, Angela Tereza de Oliveira. *Músicos e Poetas na Belém do início do século XX: incursionando na história da cultura popular*. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento - PLADES) – NAEA/UFPA. Belém, 2002.

Da MATTA, Roberto. *A casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do Povo: Sociedade e cultura no início da França moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

DIAS JR, José do E. S. *Cultura Popular no Guamá: Um estudo sobre o boi bumbá e outras práticas culturais em um bairro de periferia de Belém*. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará. Belém, 2009.

FIGUEIREDO, Aldrin de Moura. *A Cidade dos Encantados: Pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia -1870.1950*. Belém: EDUFPA, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002

_____. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Brasília; representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOBBSAWM, Eric. “A outra história: algumas reflexões”. In: KRANTZ, Frederick (org.). *A outra história: ideologia e protesto popular nos séculos XVII a XIX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

_____. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LE GOFF, Jacques. *A História nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____. *História e Memória*. São Paulo: Ed. UNICAMP, 2003.

LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

LUCA, Tania, Regina. “Fontes Impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2006. p. 111-153.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no Pedço: Cultura Popular e Lazer*. 3ª edição. São Paulo: Hucitec/UNESP, 2003.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *A cidade, a noite e o cronista: São Paulo e Adoniran Barbosa*. Bauru/São Paulo: EDUSC, 2007.

PENTEADO, Antonio Rocha. *Belém estudo de Geografia urbana*. Belém: Col. Amazônica, série José Veríssimo. UFPA, 1968 v.2.

PETIT, Pere. *Chão de Promessas: elites políticas e transformação econômica no Estado do Pará pós-1964*. Belém: Paka-Tatu, 2003.

RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar: A Utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RODRIGUES, Carmem Izabel. *Vem do Bairro do Jurunas: Sociabilidade e Construção de Identidades Em espaço urbano*. Belém: NAEA/UFPA, 2008.

SANDOICA, Elena Hernández e LANGA, Alicia. *Sobre la Historia actual*. Madrid, Abada Editores, 2005.

SARGES, Maria de Nazaré. *Belém Riquezas produzindo a “Belle Époque” 1870-1912*. Belém: Paka Tatu, 2000.

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Tomo I. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____ *Costumes em comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo. Companhia das Letras, 1998.